



Bruno dos Santos Souza

Matrícula: 21450097

As “Voltas de Maria Maria” - Design para livro infantil

BRASÍLIA – DF

2016

Bruno dos Santos Souza
MATRÍCULA: 21450097

As “Voltas de Maria Maria” - Design para livro infantil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para conclusão do curso
de Design Gráfico do UniCEUB - Centro
Universitário de Brasília.

Orientador: Prof. Aline Parada

BRASÍLIA – DF
2016

Bruno dos Santos Souza

As “Voltas de Maria Maria” - Design para livro infantil

TTrabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do curso de Design Gráfico do UniCEUB - Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Prof. Aline Parada

Brasília, DF, 22 de Junho de 2016.

Banca Examinadora:

Prof. (a): Prof. Aline Parada, M.Sc.
ORIENTADORA

Prof. (a): Prof. André Ramos, M.Sc.
AVALIADOR

Prof. (a): Prof. Bruno Nalon, Esp.
AVALIADOR

SUMÁRIO

Resumo	11	
Introdução	12	
1	Crianças como leitores criteriosos.	14
	1.1 Ilustração: texto figurado	15
	1.2 Caracteres infantis	17
	1.3 Qual a cor que te colore?	19
	1.4 Designer: Autor de imagem	22
2	Projeto	25
	2.1 Primeira etapa	25
	2.2 Segunda etapa	26
	2.3 Terceira etapa	27
	2.4 Quarta etapa	27
	2.5 Quinta etapa	29
Conclusão	30	
Referência Bibliográfica	31	
Apêndice A – Briefing	32	

RESUMO

O trabalho aqui proposto empenha-se no desenvolvimento de um design funcional para o livro “As voltas de Maria Maria” obra da escritora Fernanda Vasconcelos. A história fala de uma garotinha esperta e pura de coração, que criou um mundo dela, que foge do padrão do mundo imposto pelos adultos. Neste está relatado o passo a passo de todo o processo e os conceitos que cercam essas etapas como cores, tipografia, forma e ilustrações. Foi utilizada a metodologia desenvolvida pelo escritor, ilustrador e designer Guto Lins, em seu livro Livro infantil?: projeto gráfico, metodologia, subjetividade.

INTRODUÇÃO

- Contextualização do assunto:

A definição de uma imagem nos livros hoje em dia vai muito além da estética ou do simples fato de se ilustrar.

A imagem auxilia, direciona, engrandece e aproxima o impresso do leitor.

Sophie Van der Linden, autora do livro “Para ler o livro ilustrado”, sintetiza em sua obra a importância da relação texto-imagem-diagramação (2011, p.7), na seguinte afirmação:

Os leitores entretidos em uma página por um detalhe específico, atentos aos efeitos da diagramação, surpresos pela ousadia de uma representação ou encantados por uma inesperada relação texto/ imagem descobrem nesses momentos uma dimensão suplementar à história.

Tipografia, diagramação, cores... para uns apenas elementos gráficos/visuais, mas dentro de um livro são chaves fundamentais.

- Justificativas

Uma diagramação mal feita ou uma tipografia ilegível ou até mesmo uma cor mal saturada pode fazer com que seu público não se interesse por ler o livro.

Por isso a necessidade de se estudar regras e conceitos do design, para que o produto se adeque ao público.

A interatividade também é fundamental, ainda mais no mundo tão tecnológico em que vivemos. O que pode tornar um livro interessante o suficiente para que não seja trocado por um desses gadgets?

- Formulação do problema:

Como diagramar os elementos gráficos de um livro infantil para que esse, se torne atraente e desperte atenção de seu público.

- Objetivo Geral

Mostrar o desenvolvimento, concepção e execução de um livro infantil, de forma apropriado e que chame a atenção de crianças entre 2 a 6 anos.

- Objetivo Específico I

Investigar e conceituar as principais características dos livros infantis.

- Objetivo Específico II

Desenvolver um livro infantil que tenha como base as características estudadas.

- Metodologia

Utilizou-se neste trabalho a metodologia do ilustrador, designer e escritor Guto Lins, para projetos de design de livros infantis. De acordo com sua dissertação, Lins enfatiza a importância do designer gráfico no mercado editorial.

O processo de execução é separado em cinco fases:

1) Clima – Nessa primeira etapa o autor nos orienta a ler o texto como um mero leitor para perceber como o livro deve ser encarado de maneira subjetiva.

2) Recorte: Nesse passo o designer irá reler o livro e “recortando” o texto para possíveis cenas.

3) Dados técnicos: Nesse estágio é que o designer irá decidir os dados técnicos como números de páginas, formato, cores. E nessa etapa, também, que se monta um story board para facilitar o desenvolvimento gráfico.

4) Prototipagem: Aqui que serão feitos os testes de montagem em tamanho real ou proporcional. Nessa fase que as alterações devem ser feitas. Corpo e estilo da tipografia são definidos nessa etapa também. No texto de Janaina Panizza (2004,p.146) deixa claro a importância dessa etapa no processo:

Características de cunho bem mais prático como o tipo de papel, número de cores e o acabamento utilizado. É preciso muito cuidado na escolha destas características também, pois o designer gráfico deve estar comprometido com a viabilidade econômica tanto quanto a qualidade gráfica do material produzido

5) Montagem: Depois de desenvolvidas essas quatro últimas etapas, é hora de enviar os materiais para a pré-impressão e impressão, para assim executar o acabamento do produto.

1 CRIANÇAS COMO LEITORES CRITERIOSOS.

Ao se pensar em perfil de leitores, pode-se, erroneamente, deduzir que as crianças não são seletivas ou criteriosa, podendo, esse público ser bem mais exigente do que um adulto.

Quando se escreve ou ilustra para livros infantis deve-se executar a obra pensando em um público mais amplo, composto tanto por adultos quanto por crianças, pois muitas vezes quem lê para a criança é a mãe, o pai, avó, mas quem julga o livro como sendo algo atrativo é a criança.

Elas têm formas distintas de ler um livro, ver objetos e de interpretar fantasias e verdades. Para esse público uma vassoura serve para varrer, como no livro da Cinderela, mas também pode voar na história da bruxa ou mesmo ser um cavalo alazão branco como o do príncipe dos contos de fada. A leitura se bem desenvolvida e bem ilustrada pode fazer com que a criança transforme realidade em fantasia e fantasia em realidade. O psicólogo francês Roger Cousinet escreveu:

O mundo em que vivemos não é o mundo que a criança conhece. Os objetos não são os mesmos dos adultos. São o que são, mas também podem se tornar outras coisas. Uma boneca é também uma menina pequena; a cadeira é uma cadeira, e é também um carro, ou o vagão de um trem, ou um barco a vapor; o próprio corpo é um corpo humano e em certos momentos será o corpo de um animal. A abóbora é uma carruagem. Ulisses é um jovem ou um velho. Um gato fala como gente, e as botas mágicas servem para todos os pés. Transformações acontecem o tempo todo. Nada é apenas aquilo que parece ser, e as coisas existem para sempre, e sempre, e os seres mudam de aparência sem aviso prévio. Nada é estável ou imutável neste mundo irreal feito de luz e sombra.

Quando se escreve para crianças, o critério das brincadeiras não deve ficar excluído. A brincadeira vai além da ilustração conversando com o texto escrito, mas sim de jogos de palavras e de fonética pois elas são leitoras e, como a Kohan diz em seu livro (p. 9), “ouvidora” também.

Os primeiros livros para crianças tinham o objetivo de educar através do medo. Mostrava-se consequências severas que os atos de desobediências poderiam causar. Hoje em dia o objetivo é diferente: além de educar por meio de bons exemplos dos personagens principais, também é um passatempo agradável para que se torne um hábito, e não algo imposto por pais ou escola.

Em uma pesquisa feita por Morag Styles (p. 80) chamada de Children

Reading Pictures, reuniu 100 crianças de idades entre 4 a 11 anos que já tinham gosto pela leitura ou que tinham alguma dificuldade com textos. Em muito dos casos foram pedidos que elas desenhassem aquilo que haviam entendido pois quanto mais jovem era a criança, mais difícil era a forma dela expressar suas respostas.

Nessa pesquisa diversas perguntas sobre a interação entre imagem e palavra foram feitas como “O que você acha mais interessante? As palavras ou as imagens?”, “Você acha que as palavras ainda seriam interessante mesmo sem as imagens?”, “Você acha que as imagens ainda seriam interessante mesmo sem as palavras?”

Lendo os comentários vê-se a importância de cada elemento para o leitor como por exemplo Amy de 5 anos de idade que diz: “Eu sempre me lembro das imagens. Eu, às vezes, esqueço as palavras.”

Ou Keith de 10 anos de idade que diz que as palavras precisam das imagens mais do que as imagens das palavras. Ou o que Lara de 10 anos que diz: “As palavras não explicam tudo aquilo que você pensa... Então eu prefiro com imagens, porque você consegue imaginar mais coisas.”

Conclui-se que crianças se interessa por ambos. Imagens diz muito do que o texto não consegue falar. Alguns aspectos visuais não podem ser verbalizados e é esse aspecto que realmente interessa para o leitor. A fuga de um mundo verbal para um mundo icônico que direciona o imaginário delas.

1.1 Ilustração: texto figurado

Entender a importância de um ilustração pode ser algo bem complexo. A imagem vai muito além de algo bonito e bem detalhado, dentro de impressos a imagem tem um peso importantíssimo. Inicialmente, a imagem não era retratada pela função unicamente estética, e sim, como elemento informativo.

Como observado nas cavernas pré-histórica, e o homem que ali habitava tinha necessidade de se comunicar, visto que ele não tinha muitos avanços tecnológicos ou interpessoais para isso. Sua comunicação era através da emissão de sons, espécie de grunhidos. Posteriormente, ao resolver perpetuar suas análises a respeito mundo, passou a representar suas impressões nas paredes das cavernas por meio de desenhos e hieróglifos.

Esse exemplo do progresso do pensamento acontece ainda nos dias atuais, com todos nós. Desde pequenos temos essa mesma necessidade, expor o mundo como se vê, por meio de impressões deixadas em paredes de casa e da escola ou mesmo em insumos diversos.

Ou seja, a evolução do homem com relação a comunicação pode ser associada a uma criança em desenvolvimento. Primeiro emite sons para se comunicar, em seguida ilustra como enxerga o mundo e depois desenvolve a comunicação oral, a fala.

Guto Lins em seu livro “Livro Infantil? Projeto gráfico, metodologia e subjetividade” (p. 19), também exemplifica o uso de ilustrações para a comunicação destinada à adultos:

Na Idade média, antes do surgimento da imprensa o texto feito à mão era riquíssimo em linguagem visual e ornamentos. O trabalho dos escribas era complementado por ilustrações detalhadas, muitas vezes feitas com ouro: as iluminuras.

Isso prova que a ilustração não é privilégio ou segregação entre crianças e adultos. A ilustração é uma linguagem visual que além de agregar valor a peça, ajuda o leitor a entender os fatos contidos no texto escrito.

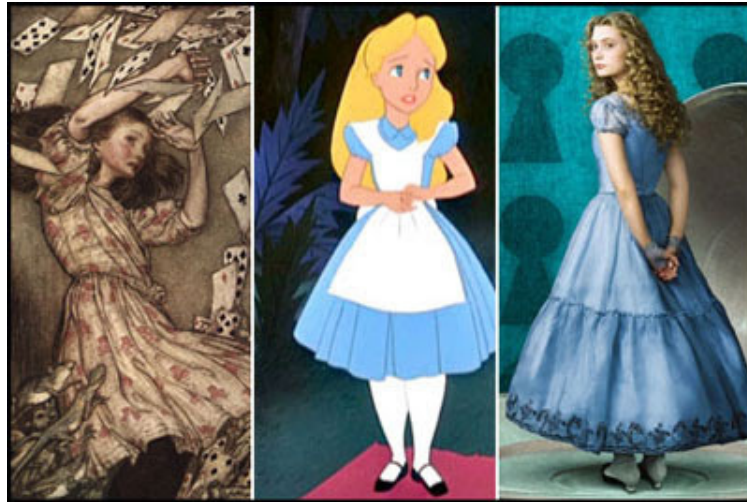
A escritora Silvia Adela Kohan (p. 34) explica que uma boa ilustração orienta o leitor (independentemente da idade) a descobrir e entender o texto, faz o papel de atrair o leitor e mostrar o que o conteúdo diz.

Diariamente, estamos cercados por imagens para nos auxiliar. Placas de sinalização, infográficos em revistas, tiras sarcásticas em jornais e ícones em smartphones. São todas linguagens simbólicas ou linguagens ilustradas.

Dentro da literatura infantil, a imagem tem como objetivo, juntamente com o texto, de estimular a criança a criar. Intercalando com texto escrito, terão desenhos que complementam e enriquecem essas criações. A junção entre o escrito e o ilustrado, possibilita a criação da história mais importante: a história que o leitor imaginou.

É na ilustração que o personagem se adequa a época da publicação. Vemos essa mudança ao passar dos anos com a releitura em novas edições como o conto de Lewis Carroll, autor de Alice no País das Maravilhas. Veja a seguir a evolução de alguns personagens:

Figura 1: Evolução de Alice



Fonte: Reprodução Internet

Figura 2: Evolução da Rainha de Copas



Fonte: Reprodução Internet

1.2 Caracteres infantis

Caracteres infantis é o nome dado para tipografias voltadas para crianças que tem o objetivo de aumentar a legibilidade promovendo na fonte alterações que ajudam a criança a diferenciar letras e facilitam o ritmo da leitura.

Segundo Binns (1989, p. 16), para que um texto seja lido, o mínimo que ele tem que ser é legível. Dado isso, inúmeros autores começaram a estudar o que era fundamental para que a leitura proporcionasse conforto, velocidade e continuidade.

No início dos estudos sobre tipografia tivemos como termo explicativo a palavra legibilidade, mas a partir do ano de 1940, estudiosos começaram a usar o termo leiturabilidade para falar sobre.

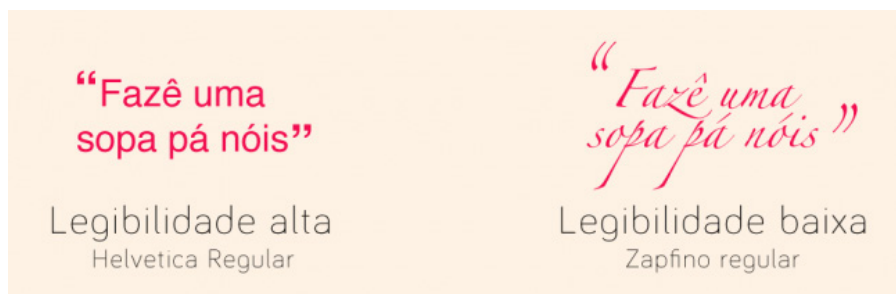
A diferença é simples: legibilidade está ligado ao tipo da letra, conhecida também como fonte, já a leiturabilidade é algo ligado ao esforço do leitor para entender o texto.

De acordo com o designer e colunista do site Chocola Design Mamoru Miyagawa contextualiza legibilidade da seguinte forma:

Legibilidade é relacionada diretamente a facilidade que as letras de uma fonte se diferenciam umas das outras. Tanto é que, geralmente, as fontes com maior legibilidade são discretas e raramente são percebidas. Possuem olhos grandes, alturas-x generosas e suas letras possuem formas bem distintas das outras, mas tudo sem exageros.

No exemplo a seguir, dado por Miyagawa, ele mostra a diferença da legibilidade entre duas fontes distintas: A Helvetica Regular, que é uma fonte bastonada ou Sans-Serif, e a Zapfino Regular, fonte manuscrita, também chamada de Script.

Figura 3: Fonte de alta e baixa legibilidade



Fonte: Chocola Design

A legibilidade é exclusiva da tipografia. Costumeiramente as fontes sem serifas são mais simples o que faz com que elas sejam mais fáceis de reconhecimento, logo, em sua maioria, são mais legíveis. Mas isso não significa que tipografias serifadas são menos ilegíveis, depende bastante do formato da letra.

O caractere é muito mais que o desenho tipográfico, existem características que devem ser exploradas dentro da letra para que ela seja legível. Chamamos essas características de espaçamentos que é o espaço entre letras, palavras e linha.

Entreletras e Entrepalavras

Em sua dissertação de mestrado Lourenço cita a pesquisa da estudiosa Sue Walker que no ano de 2005 (p. 4) fez uma pesquisa com 24 crianças e percebeu que as crianças notavam mais os espaços entreletras do que o espaço entrepalavras.

Em sua pesquisa revelou que para as crianças preferem um espaçamento maior entreletras e entrepalavras, mas que esse espaçamento não pode ser grande demais, pois comprometerá a legibilidade. O espaçamento entre letra deve ser bem colocado para ajudar a criança a ler letra por letra, e para que não haja uma mudança de cor, já que muitas crianças se queixaram da mudança de cor quando o texto se encontrava mais justo.

Willberg (p.17) exemplifica muito bem a importância do espaço entreletras, palavras e linhas. Explica que o espaço entrepalavras valoriza a palavra, esse respiro deve ser suficiente para que o leitor veja a palavra como um todo e a entrelinha deve ser grande o suficiente para que a criança não pule para a próxima linha.

Na leitura a legibilidade o fundamental é que o layout (cores, alinhamento, tipografia, etc) seja capaz de comunicar com uma quantidade reduzida de ruído. A fonte mais legível do mundo pode ter sua legibilidade comprometida caso o contraste background - fonte seja baixo.

Assim, a legibilidade, ou seja o corpo da fonte, deve simular uma caligrafia casual, para que a criança se torne familiarizada com a escrita desde mais cedo. Pontuamos também que a cor da fonte com o contraste do fundo deve ser grande, mesmo que a tipografia não seja a mais legível, para que haja uma legibilidade boa. E que a diagramação tenha espaçamentos bons para que não se tenha problemas com alteração de cor, palavras atropeladas ou prévia de texto (quando o espaço entrelinhas é muito reduzido e acaba fazendo com que o leitor leia a linha seguinte).

1.3 Qual a cor que te colore?

Já vimos que a ilustração é tão importante para complementar o texto. Mas e a cor? As crianças tentam entender o que o ilustrador quis passar nas cenas e o porque das cores.

Na pesquisa feita por Morag Styles e Evelyn Arizpe (p. 81) foi analisada uma ilustração do livro Lily Takes a Walk onde foi perguntado o que eles achavam que

estava acontecendo na cena. Uma das crianças de 7 anos diz o seguinte:

Está ficando escuro e eu acho que Nicky (o cachorro) está ficando preocupado. Ele vai olhar em volta e garantir que nada tente arrebatá-lo ou qualquer coisa do tipo. Porque no início da história acontece à plena luz do dia e Lily sai o dia todo. Conforme você vira as páginas, vai ficando cada vez mais escuro... Eu gosto de como ele usa as cores, com tons de azul e redemoinhos de cores, e ele também usa um pouco de preto.

Podemos classificar essa análise como fator sociológico, já que percebemos que os argumentos do uso da cor corresponde a um costume: preto e azul escuro são usados para sinalizar preocupação. Vejamos a indagação de outra criança:

Ela provavelmente sente pena dos animais. Porque ela está vestindo preto e cores escuras. Cores relacionadas a tristeza e arrependimento.

Em seu artigo, Ana Karina (2007) cita a defesa do psicólogo J. Bamz sobre a cor em relação a idade do público, claro que deve-se levar em consideração a cor como algo ligado a costume e não de preferência pessoal ou de gênero.

Vermelho: de 01 a 10 anos- idade da espontaneidade e da efervescência;

Laranja: de 10 a 20 anos- idade da aventura, excitação, imaginação;

Amarelo: de 20 a 30 anos- idade da arrogância, força, potência;

Verde: de 30 a 40 anos- idade da diminuição do fogo juvenil;

Azul: de 40 a 50 anos- idade da inteligência e do pensamento; Lilás: de 50 a 60 anos- idade da lei, do juízo, do misticismo;

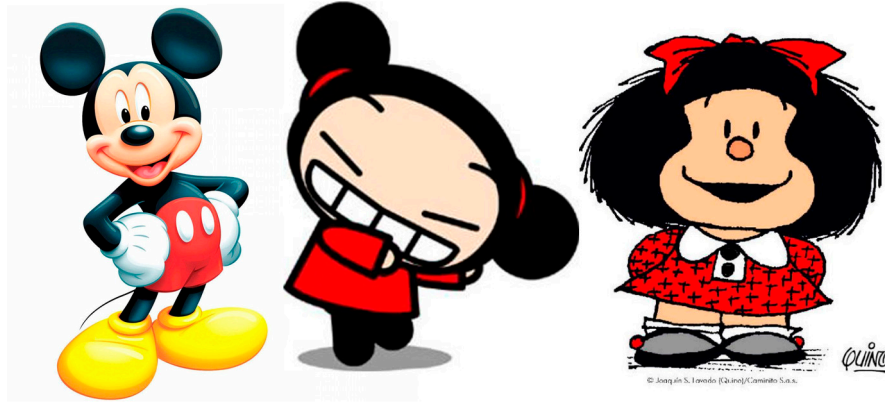
Roxo: após os 60 anos- idade da benevolência, do saber, da experiência.

Cores primárias são mais perceptíveis na primeira infância (o período que vai desde a concepção do bebê até o momento em que a criança ingressa na educação formal) essas cores são vermelho, amarelo e azul.

Já as cores pastéis são mais utilizadas para produtos destinados às crianças mais velhas, como vistos em livros de histórias para dormir.

Quando falamos de ilustração, a cor também está ligado a forma. A cor vermelha, por exemplo, pode se conectar a personagens bons (Figura 2) e ruins e esta distinção pode ser influenciada pela forma. Não estamos acostumados a ver no corpo humano formas naturalmente pontudas e quando vemos reproduções com estas associamos a coisas negativas. Veja os exemplos:

Figura 4: Mickey, Pucca e Mafalda



Fonte: Reprodução Internet

Figura 5: Katz e Ele



Fonte: Reprodução Internet

O exemplo do Ele (Figura 5, D) do desenho Powerfull Girls (As meninas super poderosas) é um bom exemplo pois este vilão tem cores “boas”, como o rosa, mas possui uma voz aguda arrepiante (em outros momentos uma voz forte e ecoante) e formas pontudas que fazem um paralelo com a ideia do personagem ser próprio o diabo.

O Katz, (Figura 5, E) do desenho Courage the Cowardly Dog (Coragem o Cão Covarde), é um personagem muito semelhante ao Ele. Katz é um gato dono de um hotel no primeiro episódio da primeira temporada titulado de “Uma noite no motel Katz” e existem cenas que nos faz traduzir que o gato é a figura mais diabólica do mundo. Outro momento que associamos esse mal todo é no número do quanto em que ele

hospeda os donos de coragem: 666.

Conclui-se que a cor nas imagens são importantes não só para prender a atenção de um público mas também para passar, a quem está lendo, uma percepção maior do que se passa com o ambiente ou com o personagem.

1.4 Designer: Autor de imagem

Guto Lins descreve o designer como um “autor de imagem” já que atualmente este profissional é quem faz a ilustração e o projeto gráfico do livro.

Anos atrás, o projeto gráfico era algo secundário, pois, tinha se a necessidade de baratear o custo final do produto. Resultando assim, a eliminação de uma metodologia apropriada. E quando o projeto final resultava em um produto de sucesso, o ilustrador, por muitas vezes, não era reconhecido.

Esse Ilustrador/projetista é a pessoa qualificada para dizer qual tipo de insumo o livro será impresso, qual a gramatura da capa, do miolo (parte interna do livro) e como serão os acabamentos.

Jan Tschichold (1975) dá três argumentos para a criação de um livro: 1º manuseabilidade; 2º armazenamento; 3º peso. Esses argumentos devem ser contextualizados a partir de perguntas como: Qual a finalidade do livro? É um livro de mesa ou um livro para estante?

A manuseabilidade está relacionado ao manuseio do livro, que está diretamente ligado ao seu formato. Por sua vez, deve-se escolher o tamanho final do produto, considerando o seu local de armazenamento, ou seja, a profundidade média de uma estante (que é de aproximadamente 30 cm).

Em relação ao formato geral dos livros, Tschichold (p. 203) critica os impressos muito grande, pois dificulta o manuseio, o que abala a usabilidade. Mas quando falamos de formatos de livros infantis e juvenis temos três tipos:

- Grandes formatos, que em sua maioria são manuseados por adultos que leem as histórias para as crianças. Como por exemplo o livro “O aniversário da Ninoca” (Figura 6), da editora Ática, que tem 19x19cm e é indicado para crianças de 3 anos;

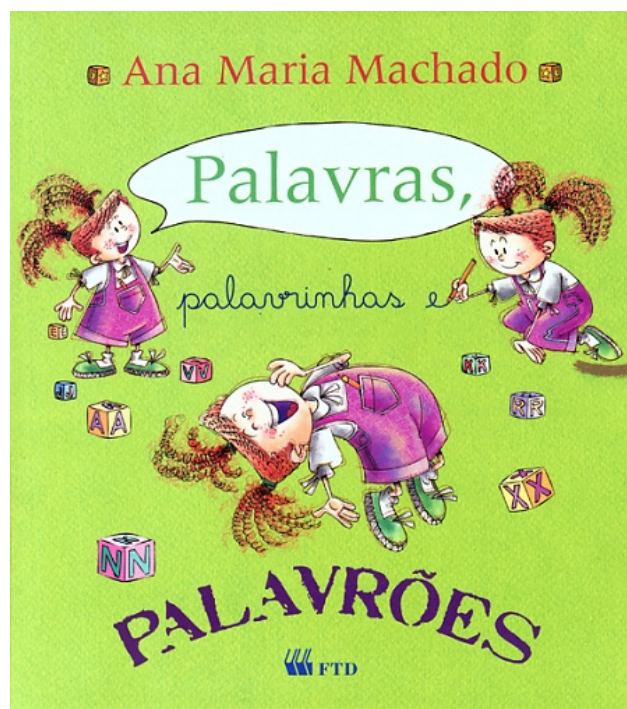
Figura 6: Livro “O aniversário da Ninoca”



Fonte:Reprodução Internet

- Formatos médios para crianças que já sabem ler (por volta dos 7 anos). Um exemplo é a obra “Palavras, palavrinhas e palavrões” (Figura 7) da escritora Ana Maria Machado;

Figura 7: Livro “Palavras, palavrinhas e palavrões”



Fonte:Reprodução Internet

- Formatos menores destinados aos pequenos leitores, como por exemplo os livros brinquedos para hora do banho (Figura 8).

Figura 8: Livro “O patinho”



Fonte: Reprodução Internet

2 PROJETO

2.1 Primeira etapa

Nesse primeiro momento foi feita a leitura do texto do livro como um mero leitor. A importância dessa etapa é fundamental para a ilustração, já que é nessa hora que o clima do livro é pensado. Para uma interpretação da história, primeiros rabiscos foram feitos das cenas e até mesmo da personalidade da Maria, personagem principal.

Figura 9: Evolução de Maria



Fonte: Autoria própria

Como ilustrado a cima, a identidade da protagonista do livro passou por diversas mudanças. Formas que eram mais pontudas passaram a ser mais arredondas, o olho que era apenas dois pontinhos foi melhor trabalhado e ficou mais expressivo, sua estatura que a princípio era grande, começou a dar lugar a uma criança de aproximadamente 7 anos (que também se encaixa no público alvo). O traço também passou a ser mais simples.

2.2 Segunda etapa

Na segunda etapa, denominada recorte, foi feita a leitura do livro, novamente, junto do briefing respondido pela autora (Apêndice A). A partir daí iniciou o refinamento dos esboços para assim começar a pensar em cenas que casariam bem com o texto. Exemplo: na primeira frase do livro o narrador nos diz que Maria é diferente e tem um mundo diferente, um mundo que ela mesmo desenhou e que para ela é real. Então a ilustração consistir em mostrar ao leitor ela desenhando seu próprio mundo. A primeira boneca (um rascunho do livro feito à mão para auxiliar o projeto gráfico) foi executada para descobrir quantas páginas mais ou menos seriam desenvolvidas.

Nesse momento as cenas foram passadas para o computador e alteradas algumas características físicas da personagem.

Figura 10: Esboço da primeira cena do livro



Fonte: Autoria própria

Figura 11: Último esboço da Maria



Fonte: Autoria própria

Em um primeiro momento Maria tinha boca em forma de coração e cabelos ondulados, mas quando se passou para o software viu a necessidade da mudança dessas características. Tirou-se então a boca de coração para dar mais expressão a ela e o cabelo se tornou mais emaranhado e com volumoso.

2.3 Terceira etapa

A etapa três é mais técnica. Ficou definido que o livro teria 24 páginas, já contando com a capa e quarta capa, as cores da personagem principal, formato do livro impresso. E definida última boneca, com a marcação de todas páginas, com o tamanho oficial do livro e com as possíveis cenas a serem ilustradas.

2.4 Quarta etapa

Nessa etapa a escolha da tipografia foi definida. Para a fonte da capa foi utilizada a fonte Happy Fox Condensed. Essa fonte simula muito bem uma escrita baseada em rabiscos só que o seu traço é mais sólido e de fácil leitura. Para texto corrido foi usada

o tipo Sassoon Primary que possui características que se encaixam a pesquisa da estudiosa Sue Walker: que revela que o espaço entreletras e entrepalavras deve ser grande, que o espaço entre linhas não deve ser muito justo para o leitor não ler a linha seguinte. Para textos mais curtos como no nome do escritor e ilustrador foi usada a fonte DK Prince Frog uma fonte irregular que mantém a identidade descontraída e referente a infância.

Figura 12: Capa do livro



Fonte: Autoria própria

Figura 13: Miolo do livro



Fonte: Autoria própria

O papel couche de gramatura 125 foi escolhido para a impressão do miolo do livro e para a capa o mesmo papel porem com a gramatura de 250. Foi optado por umagramatura alta na capa para que quando o livro for armazenado em estantes o miolo não pese e danifique-o.

2.5 Quinta etapa

Depois de executar todos os passos para confeccionar o livro é hora de fazer os testes de cores. É nessa etapa que se analisa a fidelidade da cor na ilustração.

Tudo certo com o processo de análise de cor, partimos para o acabamento. A capa do livro passara pelo processo de plastificação para proteger mais e também para dar mais beleza ao impresso.

CONCLUSÃO

Ao iniciar o trabalho, o objetivo era fazer um projeto gráfico para um livro infantil, porém ao decorrer de toda a pesquisa viu-se que impressos para crianças vai muito além de ilustrações “jogadas” nas páginas. Requer muita paciência para entender cada parte necessária de um livro. Desde seu formato inicial ao acabamento.

Percepções foram alteradas ao longo do projeto. Uma ideia de cenário para uma cena do livro foi substituída, mudada de cor ou até mesmo mudada totalmente. Isso tudo foi possível graças a metodologia do Guto Lins, que explica seu passo a passo na criação de seus livros.

Concluo que o processo de fabricação de cada cena, cada boneca, cada conceito foi de grande aprendizado ao envolvido. Espera-se que o objetivo de cativar crianças e ensina-las mais sobre o amor próprio através das ilustrações seja possível.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHOCOLA DESIGN. Legibilidade e Leiturabilidade – Qual a diferença?. <http://chocoladesign.com/qual-a-diferenca-legibilidade-e-leiturabilidade>.

FREITAS, Ana Karina Miranda de, PSICODINÂMICA DAS CORES EM COMUNICAÇÃO. Dissertação de Comunicação, Núcleo de Comunicação Nucom, 2007.

HUNT, Peter. Crítica, teoria e leitura infantil. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KOHAN, Silvia Adela. Escrever para crianças – Tudo o que é preciso saber para produzir textos de literatura infantil. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2013.

LINDEN, Sophie Van der. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LINS, Guto. Livro infantil?: projeto gráfico, metodologia, subjetividade. São Paulo: Rosari, 2003.

LOURENÇO, Daniel Alvares. Aspectos tipográficos: caracteres infantis, o estilo caligráfico das letras e os espaçamentos. Dissertação de Mestrado em Design da UFPR - Universidade Federal do Paraná, 2011.

MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo: Martins Fontes- selo Martins, 2015.

NIKOLAJEVA, Maria. Livro Ilustrado: Palavras e Imagens. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

RUMJANEK, Letícia. Tipografia para crianças: estudo de legibilidade. Dissertação de Mestrado em Desenho Industrial da Esdi/UERJ - Escola Superior de Desenho Industrial, 2008.

STYLES, Morag. Livro infantil ilustrado - A arte da narrativa visual . São Paulo: Rosari, 2013.

TSCHICHOLD, Jan. A forma do livro: ensaios sobre tipografia e estética do livro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

APÊNDICE A – BRIEFING

Proposta do nome do Livro. Que tal “Roda mundo, Roda maria”?	As Voltas de Maria Maria
Qual a faixa etária do livro?	2 a 6 anos
Quais as suas referências para a criação da história?	Não tive referências . Pensei em algo que pudesse ajudar as crianças a trabalhar com o amor próprio
Qual o objetivo da história?	Fazer com que as crianças percebam que compartilhando suas experiências elas podem viver melhor . Que respeitando uns aos outros tudo fica mais bonito. Que elas não precisam estar na moda para ser alguém brilhante , mas as que quiserem estar na moda também são super aceitas. Que cada um tem seu jeito peculiar de ser e isso é muito rico. Queo amor próprio é algo valioso que não pode ser perdido.Crianças com histórias tão diferentes podem trocar experiências.Filhos de homossexuais, crianças com vitiligo, deficientes , enfim.
Como você imagina que a Maria é?	Maria é sapeca e inteligente. Usa meias de cores diferentes porque gosta e não ligar com as críticas que recebe por isso. Seus cabelos são pretos e encaracolados. Tem uma pinta no rosto. Adora usar faixas nos cabelos. Se veste toda colorida. Gosta de prestar atenção nas pessoas. Na sua mochila carrega papel, lápis de cor e uma máquina fotográfica. A lua é uma de suas melhores amigas, e adora o por do sol. Gosta de misturar sabores esquisitos de sorvete.

APÊNDICE B – PRODUTO



AS VOZES DE
MARIA MARIA

Revisão textual: Bruno Souza
Ilustrações e projeto gráfico: Bruno Souza
1ª Edição

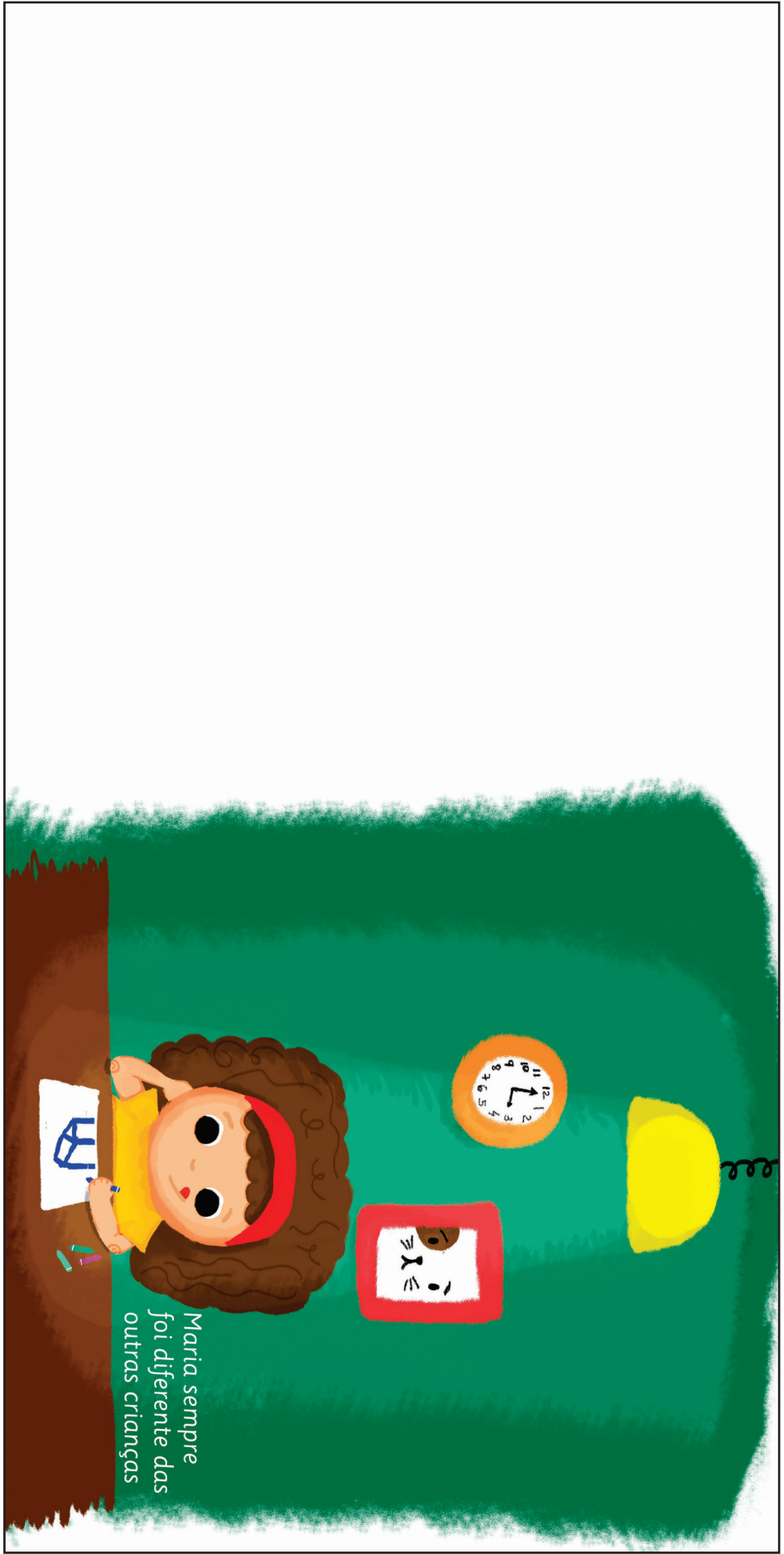
Vasconcelos, Fernanda, 2016

As voltas de Maria Maria/ Fernanda Vasconcelos: organizado, plano de edição, ilustrações e projeto gráfico por Bruno Souza - Brasília

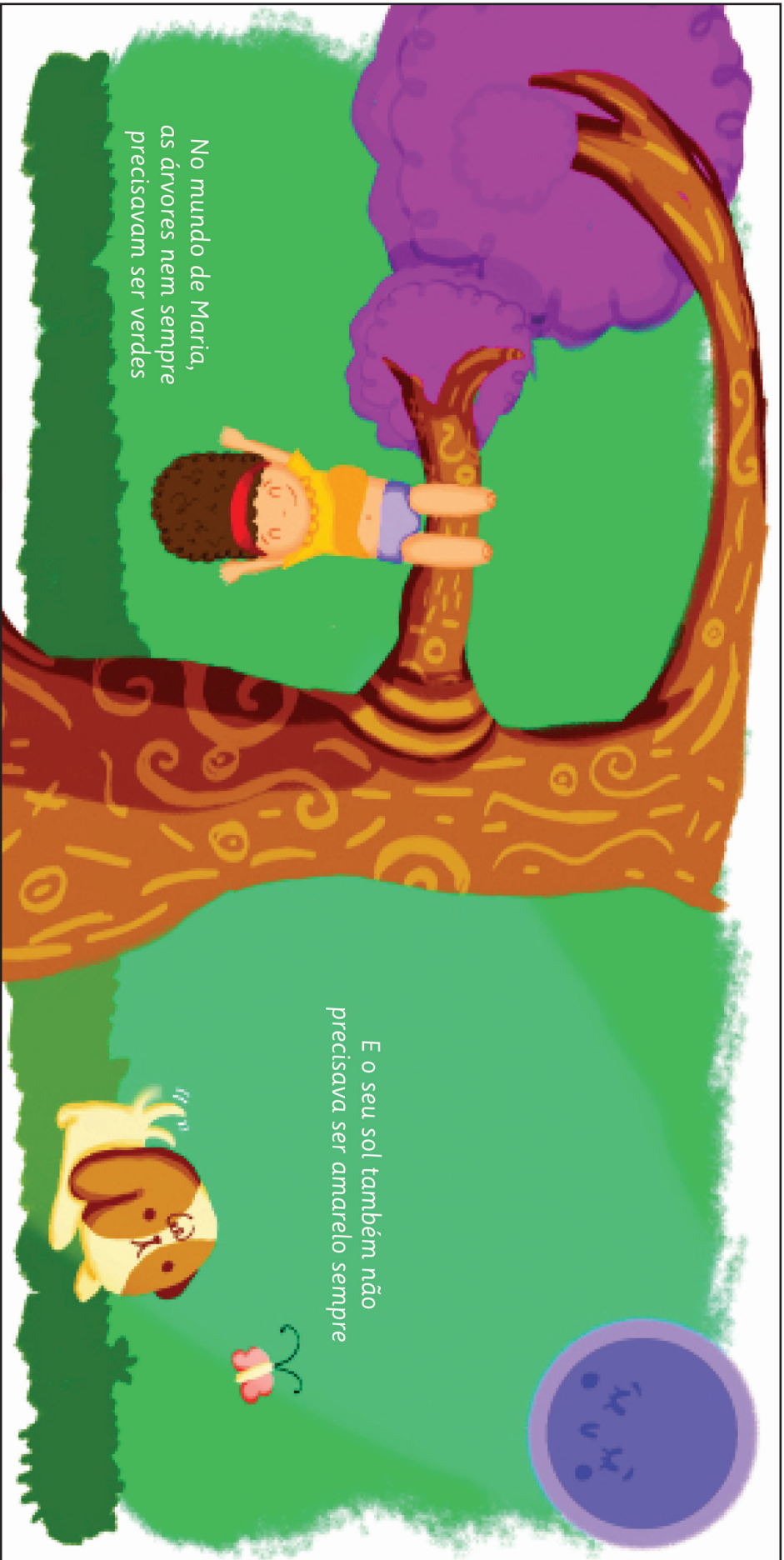
AS VOLTAS DE MARIA MARIA

uma história de Fernanda Vasconcelos
com ilustrações de Bruno Souza





Maria sempre
foi diferente das
outras crianças



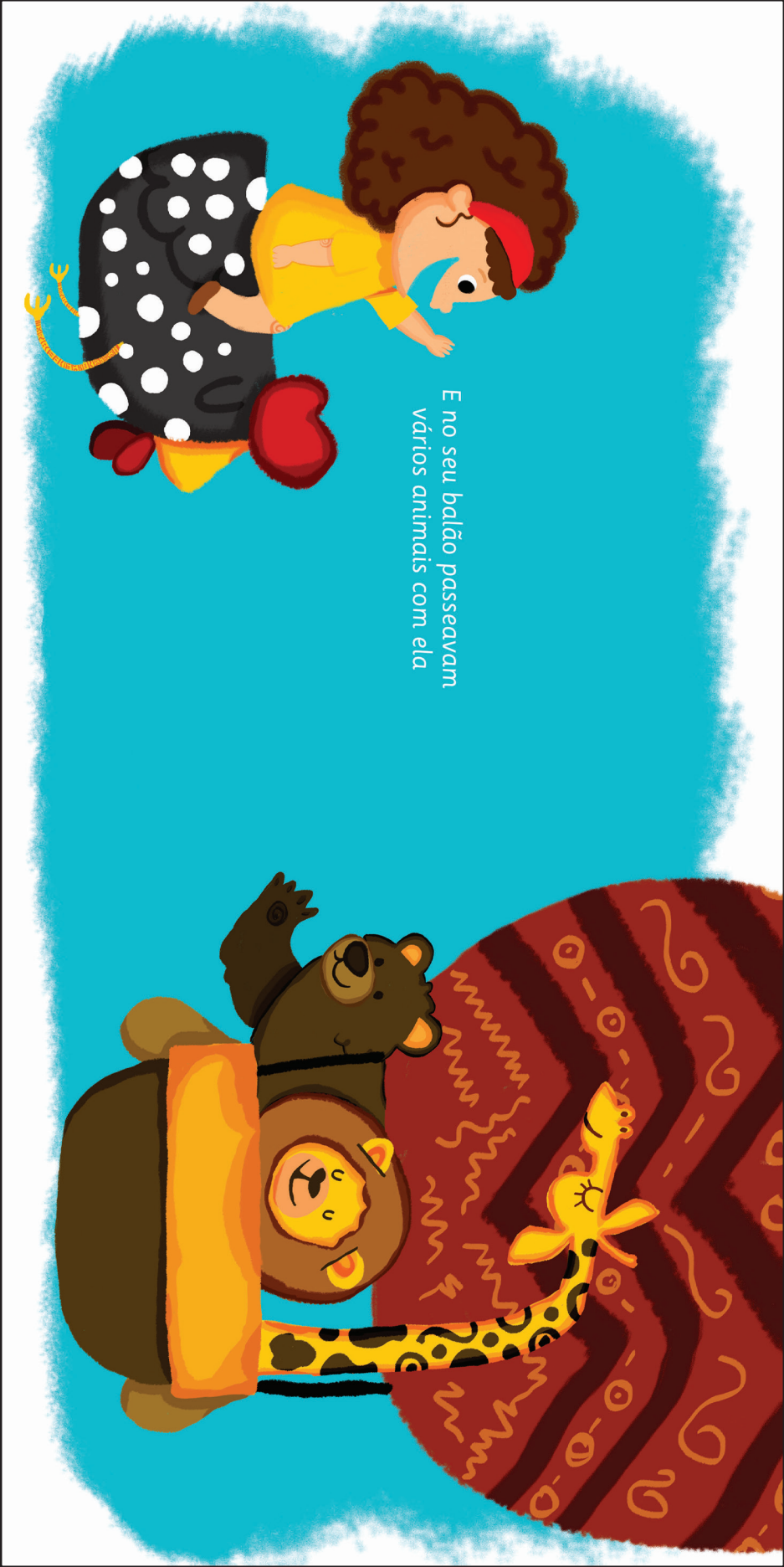
No mundo de Maria,
as árvores nem sempre
precisavam ser verdes

E o seu sol também não
precisava ser amarelo sempre



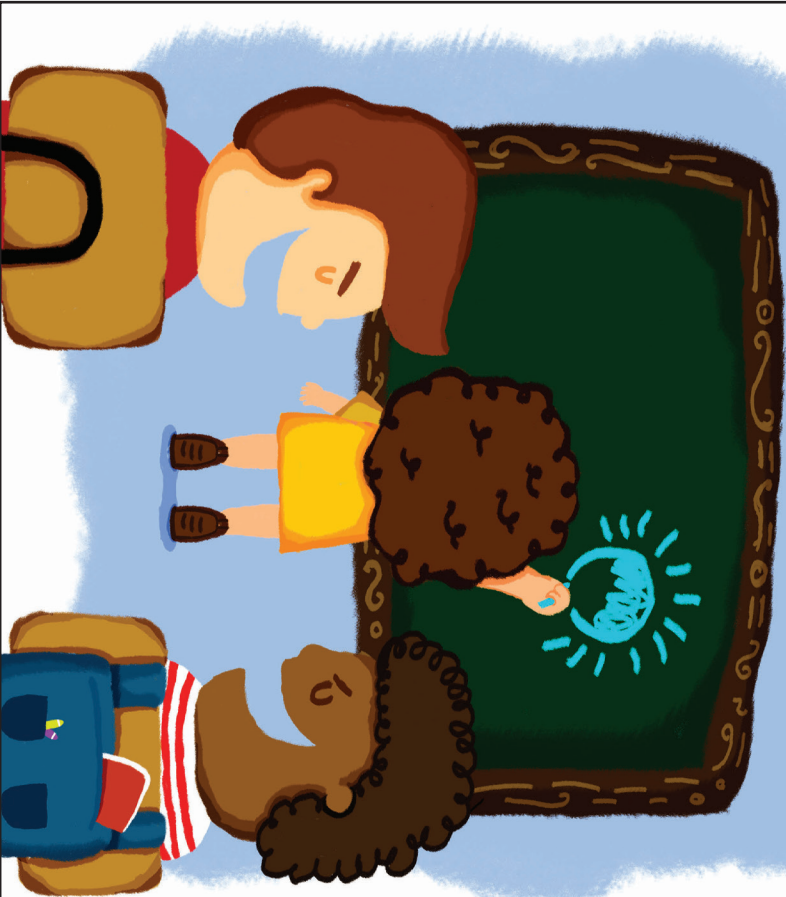
E o seu mar, ah, o seu mar
era colorido





E no seu balão passeavam
vários animais com ela.

Na maioria das vezes, na escola, algumas crianças riam do seu sol azul, das árvores vermelhas e da maneira como ela retratava seu mundo.



Mas Maria não se importava com os comentários maldosos, ela amava seu mundo





